

O ATO DE ENSINAR NA CONTEMPORANEIDADE, NA CONSTRUÇÃO INSURGENTE DAS DODISCÊNCIAS: interrogações de nosso tempo

*Aluisio Ricardo De Souza*¹

*Wanderleá Damásio Pereira Mauricio*²

Eixo temático: 8 Alfabetização e modos de aprender e ensinar

Resumo: Este artigo tem como objetivo compreender o ato de ensinar na contemporaneidade, na construção insurgente das dodiscências, na ação docente nos anos iniciais do ensino fundamental, com o auxílio dialógico das obras de Paulo Freire (1967; 1986; 1996; 2000; 2014) e de outros autores que se filiam ao pensamento freiriano: Alves (1980); Brandão (1981; 2005); Gadotti (2003; 2007; 2019); Tardif (2002; 2005) e demais contemporâneos do autor. A questão norteadora que impulsionou tal estudo foi a seguinte: o ato de ensinar, como ocorre esse encantamento nas práticas pedagógicas, com o viés no conceito freiriano da “dodiscência”? A metodologia utilizada foi um estudo qualitativo/exploratório, sendo os dados coletados por meio de um questionário enviado aos participantes da pesquisa via formulário *Google Forms*. Os dados foram analisados e discutidos sob o olhar de quatro dimensões: 1) saberes pertinentes ao ato de ensinar na contemporaneidade na construção insurgente das dodiscências; 2) possíveis desdobramentos na caminhada docente, tendo como contribuição a dodiscência; 3) alteridade dos estudantes a partir da dodiscência no processo de ensino e aprendizagem; e 4) narrativas dos professores e das professoras frente ao ato de ensinar e ao encantamento da dodiscência. Entre os principais resultados, pontuam-se os aspectos: afetividade, alteridade, autonomia, curiosidade, diálogo, entendimento, história, mediação, prática, troca, respeito. Compreende-se que são palavras que provocam situações geradoras de perguntas e contextualização do e no mundo, todas imbricadas no desdobramento de uma simbiose entre ensinante e aprendente, sendo que a presença da dodiscência é providencial perante o itinerário educacional.

Palavras-chave: Aprender. Dodiscência. Ensinar. Encantamento. Saberes.

Introdução

No itinerário da caminhada acadêmica perpassam os desafios que a didática e as metodologias demandam na construção da identidade docente. Esta identidade é observável no “ato de ensinar”, mesmo em um ambiente de curso Ensino Superior, porém, com o andar docente enraizado nas etapas da educação básica. Mas como ensinar? Tal pergunta é algo que provoca o refletir sobre o percurso acadêmico e as agruras do desafio de uma docência

¹Graduado em Ciências da Religião no USJ, atualmente cursando 8ª fase de pedagogia na mesma instituição. Contato: aluisio.rs@hotmail

²Docente do Centro Universitário Municipal São José/SC. Doutorado/mestrado em 2015/2005 pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Universidade Estadual de Santa Catarina. Contato: wanderlea.mauricio@prof.usj.edu.br

vindoura. A dissonância do ato de ensinar, e todos os seus predicados, ora truncados, ora geradores de ausência no cotidiano sociocultural, seja do/a educador/a, seja do/a educando/a³, instigam a entender como acontece esse encantamento do ato de ensinar. Para tanto, aguça-se, assim, no educador⁴ pesquisador, a curiosidade no sentido de conhecer melhor o conceito de Paulo Freire, da "dodiscência", pautada na relação entre docente, discente e seu meio, ou seja, na contextualização que provoca e desenvolve uma inquirição, pois o movimento da "dodiscência" gera uma aproximação, carregada de sentidos, entre educador/a-educando/a-educando-educador/. Nesse contexto, o primeiro é aquele que, ao ensinar, aprende, e o segundo, ao educar-se, também ensina.

Por conseguinte, contou-se com o auxílio dialógico de teóricos, alguns contemporâneos de Paulo Freire, e de outros autores, que se filiam ao pensamento freiriano, na busca utópica, porque não, de uma educação transformadora, libertária e emancipadora. Assim, o objetivo geral deste estudo é compreender o ato de ensinar na contemporaneidade, na construção insurgente das dodiscências. Vivencia-se uma era da relatividade, pois, mesmo com esforço dos/as educadores/as, alguns educandos/as não avançam na construção e na conquista do seu direito ao conhecimento.

Nesse sentido, busca-se trabalhar com o conceito de "dodiscência" como possibilidade de compartilhamento de experiências, individual, coletiva e social entre o/a docente e o/a discente, a partir de seus saberes pertinentes, na construção insurgente do conhecimento, por vezes sistêmico e entrelaçado na própria existencialidade. Dentro desta ótica, o presente artigo se justifica devido aos desafios do ato de ensinar frente às demandas insurgentes do campo educacional e suas urgências já tão fragmentadas.

O ato de ensinar faz tratativas na busca de um emparelhamento, ou não, de modo a ser multifuncional e entregar uma educação igualitária, participativa e libertadora. Convida-se o leitor a uma leitura deste texto em que se justifica e se legitima a importância do conceito da dodiscência como eixo principal da discussão proposta.

2 Fundamentação teórica

Numa busca incessante na cientificidade, emerge uma aquarela de produções que se aproximam ao tema da dodiscência de maneira insurgente⁵ e fomentam a educação, multiplicando as possibilidades de contribuições necessárias para o enriquecimento deste trabalho. Assim, optou-se por iniciar o presente estudo realizando um diálogo com o patrono

³ No decorrer do texto usaremos os termos: aluno, aprendente, aprendiz, estudante e educando na relação com o discente, contemplando todos os gêneros.

⁴ No decorrer do texto usaremos os termos: educador, ensinante e professor na relação com docente, contemplado todos os gêneros.

⁵ Adjetivo rebelde; que se revolta contra um poder estabelecido; que possui uma opinião contrária.

da educação brasileira, Paulo Freire, quando este enfatiza que a ação docente mediadora está vinculada a um ciclo gnosiológico e explica que:

[...] Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. A “dodiscência” – docência-discência – e a pesquisa, indicotimizáveis, são assim práticas requeridas por esses momentos do ciclo gnosiológico. (FREIRE. 1996, p. 28).

A partir deste discurso, Freire (1996, p. 47) defende que o/a docente deve “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. O educador salienta que, ao entrar em sala de aula, o/a docente necessita estar preparado, aberto a indagações, às curiosidades, às perguntas e inibições dos alunos, e complementa, definindo-se como: “[...] um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento”. (Ibidem, p. 47). Comungando deste pensamento, Moretto (2008, p. 50) entende que: “se aprender é construir significado, ensinar é mediar esta construção”, demandando esforço entre as partes docente/discente. O mesmo autor salienta que: “O que estamos afirmando, e queremos enfatizar, é que *oportunizar aos alunos a construção dos conhecimentos não é apenas transmitir-lhes informações*”. (Ibidem, p. 52, grifo do autor). E completa sua reflexão enfatizando a necessidade do/a professor/a organizar essas informações contextualizando socialmente, de maneira a facilitar o entendimento, contribuindo de forma significativa no ensino-aprendizagem do aluno, que ele, Moretto, compreende como “aprendente” (MORETTO, 2008, p. 13).

O professor Moacir Gadotti (2019, p. 57), compactuando com o pensamento freiriano, defende a ideia de que aprender não é acumular conhecimento, mas “aprender a pensar a realidade, não aprender a pensar pensamentos”, pois “a matéria prima do conhecimento é o mundo” e este é contextualizado na história da vivência carregado no mundo. (Ibidem, p. 57). Concordando com esta tese, Lea Tiriba, em sua obra “Educação Infantil Como Direito e Alegria” (2018), trata deste assunto, e abarca a natureza atribuindo-lhe um papel relevante no aprender desse sujeito/homem “inacabado” que Paulo Freire cita em suas obras. No entanto, a autora entende que a criança, mesmo com sua condição etária de ser inacabado, não é “incompleta”. (TIRIBA, 2018).

Para Brandão (2007), a educação é ubíqua / onipresente, ou seja, há uma relação de pleonasma da ação de estar em todos os lugares. Como afirma o referido autor, ninguém escapa da educação, pois ela está presente “em casa, na rua, na igreja ou na escola de um

modo ou de muitos modos todos nós envolvemos pedaços de nossas vidas com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar”. (Ibidem, p. 7).

O olhar histórico provoca reflexões sobre os encaminhamentos desta educação no âmbito escolar. Essa mesma escola, como sugerem Bourdieu e Passeron (1982), na obra “A reprodução; elementos para uma teoria do sistema de ensino”, tem o papel de multiplicação das desigualdades sociais, anunciada por um determinismo fatalista que a vê como um simples aparelho de reprodução social. Com efeito, tal visão corrobora o conceito freiriano, segundo o qual “a opção, por isso, teria de ser também, entre uma ‘educação’ para a ‘domesticação’, para a alienação, e uma educação para a liberdade”. (FREIRE, 1967, p. 36). Seguindo esse raciocínio do autor uma “Educação para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito”. (Ibidem, p. 36).

Em tempo, é necessário dizer que o sonho de sonhar para mudar não se constrói de forma consolidada nas sociedades que não possuem um corpo docente presente, ou seja, professores e professoras comungantes de uma educação participativa, igualitária, de uma didática inclusiva. O itinerário educacional é provocador e compromete o sujeito de forma a manifestar “ação”, no que é possível, e ser sonhador, revolucionário e anárquico na resiliência do esperar.

3 Procedimento metodológico

Os trabalhos científicos são pautados por uma metodologia que auxilia o/a pesquisador/a a alcançar o objetivo proposto, de maneira a responder à problemática do tema do seu estudo. As autoras Eva Maria Lakatos e Maria de Andrade Marconi (2003), em “Fundamentos da Metodologia Científica”, afirmam, já no início da obra, que: “A Metodologia Científica, mais do que uma disciplina, significa introduzir o discente no mundo dos procedimentos sistemáticos e racionais, base da formação tanto do estudioso quanto do profissional, pois ambos atuam, além da prática, no mundo das idéias”. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.17).

Cabe, portanto, delinear aqui os caminhos da pesquisa a partir dos procedimentos metodológicos que norteiam o estudo. Com base nesses pressupostos, realizou-se uma pesquisa qualitativa e exploratória, com o auxílio da literatura que já foi elencada anteriormente.

Nesta mesma perspectiva, quanto à abordagem do problema do estudo, a pesquisa qualitativa considera uma relação entre mundo e sujeito que não pode ser traduzida em números. Como bem define Gil (2008), em “Métodos e técnicas de pesquisa social”, a análise qualitativa do elemento humano continua sendo fundamental na interpretação dos dados.

Como explicitado na fundamentação teórica, por meio do uso da metodologia de

pesquisa: qualitativa; exploratória; participativa e bibliográfica, pretendeu-se alcançar os objetivos propostos neste estudo. Pensando no público alvo, foram convidados 22 professores dos anos iniciais da rede Municipal de São José- SC para participarem do estudo. Os instrumentos de coleta de dados constituíram-se, a priori, de um diálogo prévio, com os/as docentes, sobre tema deste estudo: “O ato de ensinar na contemporaneidade, na construção insurgente das Dodiscências: Interrogações de nossos tempos”, e posteriormente, de um questionário com perguntas abertas, o qual se considerou de extrema valia para obter um arcabouço encorpado nas respostas. Também foi anexado ao questionário um breve relato sobre a dodiscencia. Com relação a este aspecto, merece destaque a seguinte afirmação: “Não se trata de uma relação de perguntas lacônicas, mas da criação de questões formadas num contexto de problematização [...]”. (SEVERINO, 2017, p. 72).

Entende-se que o uso do questionário propicia um movimento para “[...] procurar ouvir o autor, apreender, sem intervir nele, o conteúdo de sua mensagem. Praticamente, trata-se de fazer ao texto uma série de perguntas cujas respostas fornecem o conteúdo da mensagem”. (Ibidem, p. 45). Os resultados obtidos contribuíram para a compreensão da discussão deste trabalho de maneira a elucidar aspectos importantes e, por sua vez, contraditórios.

5 Resultados e Discursão

Todo esse movimento sugere uma autorreflexão do/a docente enquanto discente, solidificada no princípio da curiosidade crítica dialógica, que busca estratégias de ensino e aprendizagem, alicerçada na dodiscência, em outras palavras, em uma educação pautada na autonomia do não eu, a fim de reconstruir novos sujeitos sociais. A Figura 1 que segue busca refletir uma possível concepção de dodiscência que, por vezes, as palavras não são capazes de traduzir.

Figura 1 – o possível imaginário do autor para dodiscência.

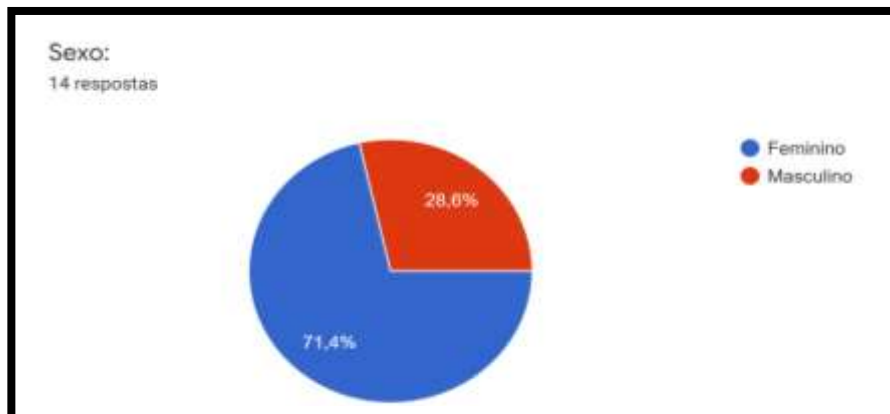


FONTE: Dobradura construída pelo autor. Ano:2021

As análises e os resultados partiram dos procedimentos metodológicos utilizados para a coleta de dados. É importante enfatizar um aspecto sobre o público alvo: foi enviado, a 22 professores, um questionário, pelo *Google Forms*, em virtude da Pandemia da COVID-19 e dos protocolos sanitários. Um novo viver e conviver momentâneos, impedindo, assim, um estar próximo do objeto de pesquisa. Em consequência, obteve-se o retorno de 14 questionários, sendo que os participantes têm o seguinte perfil: o grupo é composto de dez (10) pessoas do sexo feminino e quatro (04) pessoas do sexo masculino. Todos/as são graduados/as, com Licenciatura em Pedagogia, atuando como professores/as. O grupo dos/as pesquisados/as tem entre 28 e 65 anos de idade, com uma média de 42 anos de idade.

Percebe-se, assim, um movimento: do técnico, da perícia, da habilidade do especialista com um mesclado da experiências e vivências, tanto da vida leiga quanto escolar. Estas informações constam dos gráficos 1,2 e 3 que seguem.

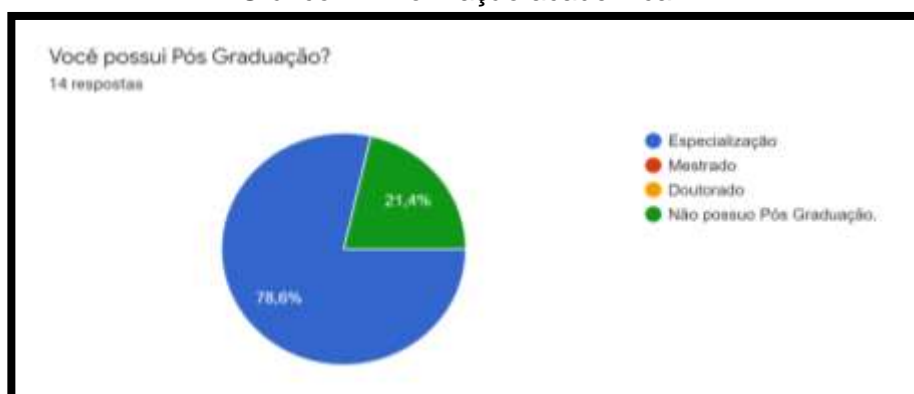
Gráfico 1 – Sexo



Fonte: dados da pesquisa, 2021.

Percebe-se, no Gráfico 1, que 71,4% dos participantes são do sexo feminino e 28,6% são do sexo masculino. Ao se perguntar sobre a formação acadêmica dos participantes, obtiveram-se os dados que são mostrados no Gráfico 2 que segue.

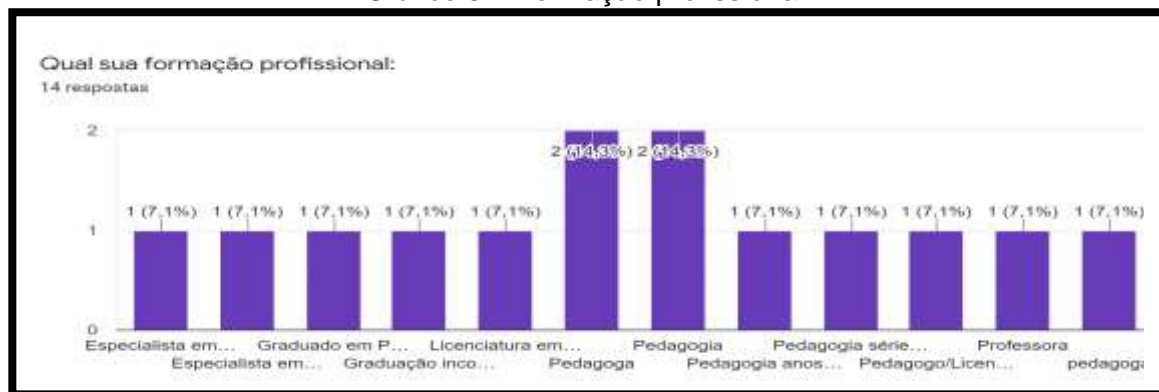
Gráfico 2 – Formação acadêmica



Fonte: dados da pesquisa, 2021.

Observa-se, no Gráfico 2, que 78,6% dos participantes são especialistas, o que comprova que os/as professores/as, além da graduação, já buscaram uma formação continuada. Ao se perguntar qual a formação profissional dos participantes, obteve-se os dados que aparecem no Gráfico 3 que segue.

Gráfico 3 – Formação profissional



Fonte: dados da pesquisa, 2021.

Verifica-se, no Gráfico 3, que todos os participantes estão alicerçados em sua formação e presume-se que são possuidores de arcabouço teórico e prático para o exercício da docência.

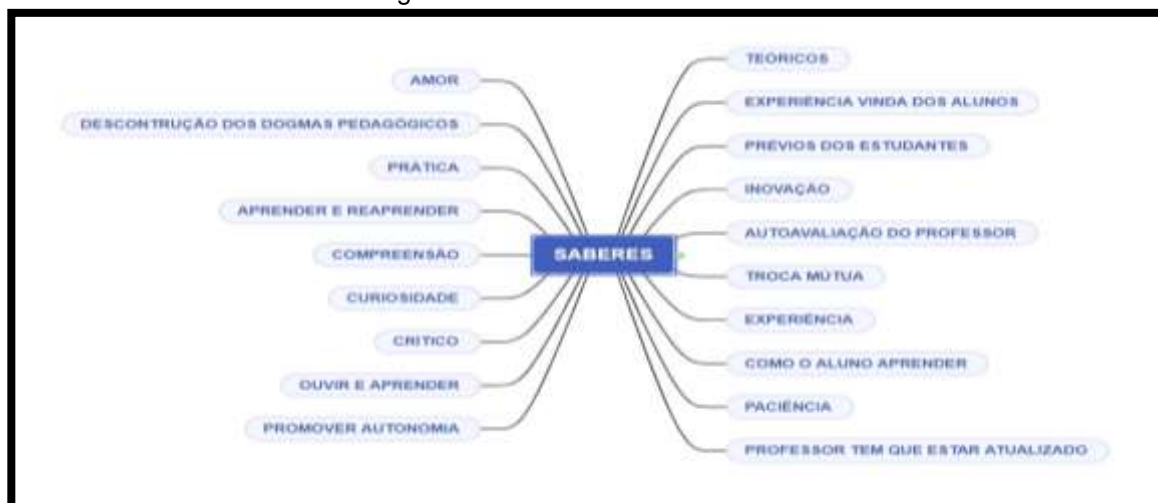
Os perfis apresentam professores formados e a maioria já está fazendo a pós-graduação, o que demonstra que há uma busca pela continuidade dos estudos. Eles assumem-se como profissionais “[...] da produção do saber [...]”, de maneira a reafirmar o entendimento freiriano de que: “[...] ensinar não é transferir conhecimento [...]”. (FREIRE, 1996, p. 22; grifo do autor).

Entende-se ser providencial salientar que: “A escola é um espaço de relações” (GADOTTI, 2007, p. 11). Assim sendo, o movimento contínuo de conhecimento perpassa pelo mesmo movimento de progredir na formação como ensinante. No intuito de preservar a identidade dos participantes, foi definido o uso das letras do alfabeto, de A até N, para cada participante de 1 a 14, em suas representações. No andamento da pesquisa, foram se delineando as dimensões de análises por meio dos dados obtidos. Desse modo, foram consideradas quatro dimensões de análises, quais sejam: **1)** saberes pertinentes ao ato de ensinar na contemporaneidade na construção insurgente das didiscências; **2)** possíveis desdobramentos na caminhada docente, tendo como contribuição a didiscência; **3)** alteridade dos estudantes a partir da didiscência no processo de ensino e aprendizagem; e **4)** narrativas dos professores e das professoras frente ao ato ensinar e ao encantamento da didiscência. Na sequência, apresentam-se as discussões teóricas articuladas em cada dimensão.

Primeira dimensão: saberes pertinentes ao ato de ensinar na contemporaneidade na construção insurgente das didiscências

A primeira dimensão focaliza o ato de ensinar na construção insurgente da didiscência. Ao se perguntar aos professores quais saberes são pertinentes ao ato de ensinar na contemporaneidade, obteve-se os seguintes dados: todos os participantes comungam que os saberes fazem parte, mesmo que subliminarmente, do contexto da didiscência. Os saberes considerados são aqueles que constam da Figura 2 a seguir.

Figura 2 – Saberes da Didiscência



Fonte: dados da pesquisa, 2021.

Um verdadeiro mosaico de saberes, não apartado do cotidiano vivenciado pelos/a pesquisados/as. Compreende-se que, diante da incontestável valorização da razão, do intelecto humano, há diversos modos de pensamento e de saberes. No entendimento de Maurice Tardif (2002) quando os professores são interpelados:

[...] sobre os seus saberes e sobre sua relação com os saberes, eles apontam, a partir das categorias de seu próprio discurso, saberes que denominam de práticos e experienciais. O que caracteriza os saberes práticos ou experienciais, de um modo geral, é o fato de se originarem da prática cotidiana da profissão e serem por elas validados. Ora, nossas pesquisas indicaram que para os professores, os saberes adquiridos através da experiência profissional constituem os fundamentos de sua competência. (TARDIF, 2002, p. 48).

Sublinha-se a existência de um arcabouço de possibilidades, sobre o qual Freire (2014, p.68) argumenta: “Não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes”. Ao que ratifica Edgar Moran (2011, p. 13): “[...] é importante ter o pensamento complexo, ecologizado, capaz de relacionar, contextualizar e religar diferentes saberes ou dimensões de vida”. Entende o mesmo autor (2011), ao olhar a complexidade dos saberes, que existe uma ação visionária, global e futurista da Educação, sendo necessário pautar os saberes no

desenvolvimento da compreensão humana em sua diversidade, visando a uma ação planetária, tendo como base a ética no enfrentamento das crises sociais e econômicas. Corrobora Paulo Freire em sua obra “Pedagogia da indignação”:

Um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem, chegando a favelas ou realidades marcadas pela traição em nosso direito de ser, pretende que sua presença se vá tornando convivência, que seu estar no contexto vá virando estar com ele, é o saber do futuro como problemas e não como inexorabilidade. É o saber da história como possibilidade e não como determinação. O mundo é. O mundo está sendo. (FREIRE, 2000, p.36).

A apropriação de uma visão de mundo, por meio dos saberes, como bem salienta Maurice Tardif (2002), perpassa pela formação deste educador. Podendo ser conceituado como um “Saber plural, saber formado de diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana, o saber docente é, portanto essencialmente heterogêneo”. (TARDIF, 2002, p. 54).

Levando em conta tais saberes elencados pelos/as pesquisados/as, de forma a inferir um esperançar com olhos cheios de alteridade, e parafraseando o que diz a Profa. Izabel Cristina Feijó de Andrade, em sua obra “A inteireza do ser” (2011), o/a professor/a necessita cultivar um olhar luxuoso, para possibilitar uma Educação refletida no/a educando/a, porque educar é uma aposta no outro.

Segunda dimensão: possíveis desdobramentos na caminhada docente, tendo como contribuição a dodiscência

A segunda dimensão potencializa o desdobramento da simbiose entre ensinante e aprendente, a dodiscência perante o itinerário Educacional. Essa simbiose aparece nas respostas dos/as pesquisados/as como um fator primeiro representado por: ***diálogo; história; troca; medear; prática; autonomia; empatia; entendimento; respeito; curiosidade; afetividade.***

Com relação a estes dados, observa-se, na fala da **Pesquisada⁶ F**, a perspectiva de uma cumplicidade na caminhada docente, na qual exista ***o diálogo e a troca de saberes, respeito ao conhecimento de cada um dos educandos.*** Por sua vez, a **Pesquisada K** declara: ***O professor deve ter a sensibilidade de observar e conhecer o contexto familiar e social, no qual, seu aluno está inserido. Esse olhar possibilita que o professor observe melhor seus alunos e suas dificuldades,*** tendo em vista que “aprender é uma atividade social, que exige conectividade, conexão, interação [...] e que [...] aprender não é repetir o que aprendemos, mas construir conhecimento”. (GADOTTI, 2019, p. 21).

⁶ Usou-se a terminologia: “Pesquisada”, sem distinção de gênero, aos sujeitos da pesquisa, e uma letra (A ... N) maiúscula omitindo o nome do/a pesquisado/a. Destaque das falas em *itálico* e **negrito**. O conteúdo da escrita do/da pesquisado/a é relatado *ipsis littere*.

A maioria dos/as professores/as, ou seja, 11, no universo de 14, relatam, ao contextualizar a referida pergunta, a necessidade de **“uma aprendizagem significativa, voltada para humildade da acolhida do conhecimento vindo do aprendente e seu contexto histórico, o professor/a faz o exercício do ato de ouvir mais que falar, assim coexistindo na prática do ensinante, no exercício fazer-se mediar conflitos e dispõe saberes no compartilhar do conhecimento”**.

O que sugere o entendimento de que é preciso: “Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva de amar”. (Ibidem). É oportuno ressaltar que Freire (1996) contextualiza como primordial a identidade cultural, partindo do reconhecimento da assunção do sujeito, e a não exclusão, que ele chama de: “[...] ‘outredade’ do ‘não eu’, ou do eu que me faz assumir a radicalidade de meu eu”. (Ibidem). Neste momento, é importante ressaltar a fala da **Pesquisada M: Penso que quando encarnamos a realidade das comunidades onde atuamos, o olhar do educador é muito mais sensível e atento às necessidades daquela realidade e talvez sejamos eficazes na resolução das carências educacionais destes espaços**. Nessa linha de pensamento, corporifica Brandão:

[...] a educação é uma prática social (assim como a saúde pública, a comunicação social, o serviço militar) cujo fim é o desenvolvimento do que na pessoa humana pode ser aprendido entre os tipos de saber existentes em uma cultura, para a formação de tipos de sujeitos, de acordo com as necessidades e exigências de sua sociedade, em um momento da história de seu próprio desenvolvimento (BRANDÃO, 2007, p. 74).

Compreende-se, nesta dimensão, que a realidade social - histórica do aprendente tem função primeira no entendimento de seu aprender e conviver perante os demais sujeitos e seu meio.

Terceira dimensão: alteridade dos estudantes a partir da didiscência no processo de ensino e aprendizagem

A terceira dimensão procura saber sobre a existência de um imbricamento, ou não, de uma dicotomia com relação à didiscência e à alteridade. Dos/as 14 pesquisados/as, dez (B, E, F, H, I, J, K, L, M, N) confirmam essa junção como uma simbiose nas partes. Nesse sentido, a fala da **Pesquisada K** é sucinta quanto à correlação das partes: **A alteridade na didiscência é de fundamental importância, pois nos permite refletir sobre nossa prática, nossos os ranços e avanços e nos faz compreender que somos diferentes e aprendemos de maneira diferente**.

Percebe-se, neste contexto, que são muito significativas as perguntas de Freire (2014, p. 42-43): “Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos

da opressão? Quem mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação”? Partindo desta consideração, a **Pesquisada K** contribui, referindo-se a Santos (2013) e Trevisan (2006): ***A alteridade é uma arma de resistência contra a ‘mesmice sistêmica’, pois, fora do âmbito da totalidade [...] as tensões nas relações familiares, escolares e socioculturais são observadas e a Educação coloca-se, por vezes, num lugar de reflexão e mediação, principalmente por meio da escola e seus educadores, tentando gerenciar conflitos e permitindo compreender diferenças para uma vida social.*** Reforça a mesma Pesquisada: ***O tema alteridade é, emergente nas investigações e nas práticas do campo da Educação Básica, principalmente se considerarmos que é nas séries iniciais que se constrói a formação do sujeito no mundo.***

Com efeito, Paulo Freire (1986) entende que o sujeito se constitui na relação com outros sujeitos mediatizada pelo mundo. Segundo Reinaldo Matias Fleuri, em entrevista a Bentes & Lobato (2000, p. 252): “O mundo é compreendido por Freire como condição e efeito da interação entre sujeitos, que buscam entender e transformar seu contexto para promover a vida e a convivência em plenitude”. Para complementar, o educador popular, Carlos Rodrigues Brandão, afirma que “o bom de se aprender a ler-o-mundo em que se vive é que, aos poucos, os nossos medos vão desaparecendo. Pois a gente só tem medo mesmo é do que não entende”. (BRANDÃO, 2005, p.18).

Deve-se frisar que, na obra “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa” (1996), Paulo Freire fornece pistas e aponta possíveis itinerários de saberes ao educador. Ao que registra a **Pesquisada I: *Reconhecer a alteridade é o primeiro passo para a formação de uma sociedade equilibrada, justa, onde todos possam expressar-se desde que respeitem também o outro (democracia). Desigualdade social é um mal que afeta todo mundo.*** Já a **Pesquisada J** faz esta observação: ***Trabalhamos com os alunos além dos conteúdos, a importância dele na sociedade e mostrando para ele os valores como: ética e alteridade. Esses são fundamentais para a evolução humana e contribui muito para a aprendizagem num todo.***

Frente ao exposto, é importante dizer, conforme José Manuel Moran (2012, p.75), que “o educador é um ser complexo e limitado, mas sua postura pode contribuir para reforçar que vale a pena aprender, que a vida tem mais aspectos positivos que negativos”.

Fazer entendimento é importante no processo e contexto educacional, e sendo a escola, institucionalmente, um local problematizador, nas palavras da **Pesquisada C: *a escola é um local que habita muitas pessoas, e cada uma diferente da outra, e as diferenças não podem ser negadas e sim acolhidas, por isso acredito ser importante para a troca de saberes.*** Por isso, questiona-se: qual é o paradigma, qual é o tipo de escola que se quer: a escola possível, ou a “escola dos meus sonhos”, aquela a que se refere Moacir

Gadotti (2019). Para o autor: “Nossas escolas têm investido pouco em atividades colaborativas porque o paradigma dominante na educação é a competitividade e não a cooperação”. (Ibidem, p.21).

Para os autores Franco, Libâneo e Pimenta (2007), a inferência do contexto educacional transborda:

No âmbito do sistema de ensino, sabemos que a escola brasileira suporta há anos problemas crônicos - a pobreza das famílias, o baixo salário dos professores, a desvalorização social da profissão docente, as precárias condições físicas e materiais das escolas, a repetência, a defasagem idade-série escolar, as dificuldades de aprendizagem dos alunos, fatores esses que contribuem para o rebaixamento da qualidade de ensino. Temos diagnósticos confiáveis mostrando o baixo rendimento da maioria das escolas de ensino fundamental (FRANCO; LIBÂNEO; PIMENTA, 2007, p. 88).

Verifica-se, portanto, o movimento imbricado que a didiscência tem no cotidiano escolar, para uma escola almejada citada há pouco, embasada nas palavras da **Pesquisada D: é importante observar a singularidade do sujeito, seu conhecimento de mundo e partir do princípio do ensino transdisciplinar**. Ao que se ressalta que: “Ensinar é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos, para seres humanos, ou seja, a interação com o ser humano é o coração da profissão docente”. (TARDIF; LESSARD, 2005, p. 141).

Desse modo, cabe à escola ser assertiva nas tratativas de interação junto a sua comunidade (professores, estudantes, gestores, funcionários, famílias e comunidade do entorno) para mobilizar e buscar o envolvimento de todos e por todos.

Quarta dimensão: narrativas dos professores e das professoras frente ao ato de ensinar e ao encantamento da didiscência

Pretendeu-se, por meio do desenvolvimento desta dimensão, descrever as narrativas do público pesquisado, frente à didiscência e ao ato de ensinar. Para teorizar o que foi dito, “o que distingue a educação escolar e acadêmica de outras tantas maneiras de educar, é o fato de estar baseada no processo de pesquisa e formação própria”. (DEMO, 1997, p. 1). Ainda é preciso dizer: “É condição fatal da educação pela pesquisa que o professor seja pesquisador”. (Ibidem, p. 38).

Analisando os depoimentos de nove (9) pesquisadas, percebe-se que as respostas transitaram no contexto do: **encantamento: da escuta; da troca de informações entre seus pares; da busca de estratégias; da visão de mundo do educando; do acolhimento às diferenças e novas descobertas**. Elas citam ainda: **um se fazer desconstruir e construir constantes; conhecimento do grupo; a privacidade e acolhida para uma Educação libertadora e geradora do protagonismo humano**.

Em face desses temas alheios ao currículo, delineados até como transversais, o

educador Rubem Alves provoca, em sua obra “Conversas de quem gosta de ensinar”, quando fala em Educação: “[...] é aqui que se encontra o problema: se não dispomos sequer de critérios para pensar institucionalmente a educação, como pensar o educador? A formação do educador: não existirá aqui uma profunda contradição? Plantar carvalhos? Como, se já se decidiu que somente eucaliptos sobreviverão? (ALVES, 1980, p. 16). Também Edgar Morin (2011, p. 16), em sua obra “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, pontua providencialmente, dizendo que: “É impressionante que a educação que visa a transmitir conhecimentos seja cega quanto ao que é o conhecimento humano, seus dispositivos, enfermidades, dificuldades, tendências ao erro e à ilusão, e não se preocupe em fazer conhecer o que é conhecer”.

Nesta perspectiva, a didiscência pode ser entendida como um elemento agregador no processo educacional, em um possível atendimento a toda uma demanda deste ambiente. Para tanto, esse mesmo ambiente necessita ser pulverizado por um componente. Como salienta Moretto (2008), é necessária a construção de planejamento, para orientar as ações educativas no sentido de descrever o mundo com precisão ao estudante, vivenciando-o. Em contrapartida, Paulo Freire (1996, p. 60-61) fala, dentre tantas coisas, em sua obra “Pedagogia da autonomia” (1996), sobre a “boniteza de ser gente”, a boniteza de ser professor: “ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. (Ibidem, p. 142).

Chama a atenção a resposta da **Pesquisada E: ensinar é encantar é valorizar as diferenças em todos os contextos, aprimorar e aperfeiçoar a todas descobertas e culturas diversificadas com a investigação e sistematização de saberes**. A participante sinaliza um ponto que se pensa ser nevrálgico no ambiente escolar secular: a discriminação, na qual se julga o diferente. Sob esta ótica, a **Pesquisada H** contribui na mesma linha: **Ações essas que muitas vezes já vêm com os alunos, pois muitos chegam com o desejo do saber, de ser valorizado, de ser respeitado, mas, também não podemos esquecer que o professor possui seus desejos que é ser valorizado por seus colegas e pela sociedade, respeitado por seus alunos**.

Compreende-se ser providencial superar esse desafio no enfrentamento aos preconceitos e estigmas sociais, e atuar frente aos novos desafios educacionais, tais como a tecnologia e sua disseminação no ambiente escolar para acesso de todos, do funcionário à família do aluno, principalmente no tempo presente de Pandemia do Coronavírus. Conforme a **Pesquisada F: Professor invadiu através dos encontros pelo meet⁷ a casa das famílias sem pedir licença, encontramos formas diferentes para atender nossos estudantes**.

⁷ Google Meet é um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google (domínio público).

Aulas diferenciadas, vídeos, correções on-line, avaliações e atividades pelo Google⁸ sala de aula, aulas invertidas aulas enviadas e publicadas semanalmente no Portal Educacional.

Na realidade, nem todos estavam preparados para caminhar nesse espaço do digital em que a educação buscou se hospedar. No entanto: “Aos poucos, a sociedade vai se conectando à internet, com consequências profundas no futuro próximo”. (MORAN, 2012, p. 125). Um futuro que transpassa o presente, tendo em vista que: “Quanto mais conectada a sociedade, mais a educação poderá ser diferente”. (Ibidem. p. 125). A educação em todos os níveis, será mais “[...] personalizada, flexível, ubíqua, integrada”. (Ibidem). As palavras do autor são vivenciadas nesta segunda década do século XXI.

Na percepção de Lúcia Santaella (2007), o ensinar, para alguns, não compactua com as realidades do século XXI, o qual é emergente, analítico, digital e ubíquo, ao contrário do analógico, com respostas rápidas e aceleradas diante de uma hipercomplexidade da cibercultura⁹. Nesta perspectiva, é oportuno trazer novamente a ***Pesquisada C, que assim se expressa: Como uma profissional jovem ainda vejo resquícios de profissionais e escolas que veem os alunos como depósito de conhecimentos, não há empatia, e muito menos preocupação com o todo. Mas acredito que essa situação irá mudar, aos poucos, o que não podemos é desistir.***

É importante inferir que, sob esta ótica, muito se espera dos professores, e muito já lhes é exigido, pois “a contribuição dos professores é crucial para preparar os jovens, não só para encarar o futuro com confiança, mas para construí-lo eles mesmos de maneira determinada e responsável”. (DELORS et al, 1998, p. 152).

Concordando com a citação anterior, cita-se aqui a fala da ***Pesquisada D: O que não explica e que nós não nascemos educador, nos transformamos em educador através de experiências e prática com muita reflexão e senso crítico, devemos saber questionar o que está posto e adquirir mais conhecimento pois o mundo está em constante mudança, transformação [...] ainda somos ignorantes, que devemos procurar saber mais, ser Educador é ser estudante essa é a conclusão que relato em minhas observações.***

Uma educação libertária é um legado não somente freiriano, mas também comungado por outros pensadores. O desafio é desvelar e ter o entendimento de liberdade. Paulo Freire, em sua obra “A educação como prática da liberdade”, compreende liberdade como um ato pedagógico: “A compreensão desta pedagogia em sua dimensão prática, política ou social,

⁸ Google sala de aula: Google Classroom é um sistema de conteúdo para escolas (domínio público).

⁹ Cibercultura trata da relação entre sistemas: tecnologia, informação, sociedade e seus valores. (domínio público).

requer, portanto, clareza quanto a este aspecto fundamental: a idéia da liberdade só adquire plena significação quando comunga com a luta concreta dos homens por libertar-se". (FREIRE, 1967, p.8).

Acredita-se ser importante trazer o contraponto na percepção da **Pesquisada L: *Falta o entendimento da importância basilar dos conceitos Freirianos. Acabamos nos perdendo nos discursos acadêmicos e não trabalhamos em uma sistematização prática dos conceitos do nosso grande filósofo. Sei que soa estranho falar em sistematização de ideias tão livres, mas enquanto não nos dispomos a essa missão, outros que não tem interesse na liberdade crítica, nos esmagam com suas normas bem redigidas e bem formatadas. Ao que me parece, Paulo Freire foi colocado num pedestal de santidade acadêmico, onde é muito ilustre citá-lo, mas não há vontade em trazê-lo para o chão da escola, afinal, quem quer professores e alunos críticos?***

Freire esclarece que: "A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo". (FREIRE, 1996, p. 22)..

Neste sentido, a narrativas dos professores e das professoras, frente ao ato de ensinar e ao encantamento da docência, provoca reflexões sobre um aproximar do/a docente ao discente, ou seja, do ensinante ao apreendente: da teoria na prática e prática com ação; alteridade; pesquisa; liberdade, cooperação docente; senso crítico e um reconstruir constante. São desafios que uma educação insurgente busca no ato de ficar bem, consigo e com o outro. As dimensões aqui explicitadas e discutidas tiveram a contribuição dos pensamentos de vários autores, dentre eles, o mais focado, Paulo Freire, que ratifica, em sua obra "Pedagogia da autonomia", já no capítulo 1, que: "Não há docência sem discência", até porque: "Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a docência e com a seriedade". (FREIRE, 1996, p. 24). Move-se, portanto, assim, o refletir de uma docência-discência ubíqua.

5 Considerações finais

Partindo da questão norteadora: o ato de ensinar, como ocorre esse encantamento nas práticas pedagógicas, com o viés no conceito freiriano da "docência", encontrou-se os saberes, mas de onde eles provêm: da academia, da teoria, da pesquisa, da *práxis*? Sim, mas não somente. Existem saberes elencados pelos participantes da pesquisa, saberes esses do senso comum, do cotidiano da comunidade escolar, que estão impregnados, amalgamados de forma ábdita na vivência de quem ensina e daquele que aprende, ou apreende no chão da escola.

Pontuam-se ainda os aspectos: diálogo; história; troca; medear; prática; autonomia; empatia; entendimento; respeito; curiosidade; afetividade. Palavras provocadoras de situações geradoras de perguntas e contextualização, do e no mundo, todas imbricadas no desdobramento de uma simbiose entre ensinante e aprendente, sendo que a presença da dodiscência é providencial diante do itinerário educacional. Não obstante, provoca no sentido de se querer saber sobre a existência de um ajuntamento, ou não, de uma dicotomia perante a dodiscência e a alteridade.

Tal pensamento revela um olhar de quem quer ver esperança no ato de ensinar e o encantamento que o/a ensinante emana quando ensina aos que aprendem, com endosso da dodiscência. Neste momento é importante salientar que os termos usados pelo pesquisador: ato de ensinar; alteridade; dodiscência, palavras de difícil presença no vocabulário educacional, causam estranheza e parecem novos aos/as pesquisados/as. O mesmo acontece com palavras como: comorbidades, pandemia, distanciamento social, puérpera (fica para o leitor fazer o exercício da pesquisa) diante deste momento diferente que se está vivenciando desde o começo do ano de 2020, criando também uma nova paisagem no contexto educacional.

Considera-se que existe uma turbulência no entendimento de um ensinar em sua plenitude. Os educadores, com pensamento no momento presencial de aula, e a realidade, limitada por tempo e espaço, diante de um psicológico já tão fragilizado. Vale ressaltar o empenho dos professores e das professoras neste enfrentamento, com o repensar das estratégias e o construir pontes para alcançar o aprendente, sem que nenhum se perca na caminhada escolar.

Partindo do princípio de alcançar, de aproximar, de estar junto ao educado, é providencial fazer os encaminhamentos do educar freiriano pertinente o ato de ensinar, ou seja, a dodiscência. Perante um contexto educacional hoje, que sustenta momentos de negação, o qual fragiliza ainda mais esse ambiente, já órfão com ausência de políticas públicas que fomentem um educar que contemplem, ensinante e aprendente uma dodiscência planetária. Compreendemos ser assim necessária a valorização o reconhecimento e a busca de *sefazer* entendimento junto ao: professor, teórico, mestre, discípulo e educador Paulo Freire, tem seu legado enraizado na humildade e na amorosidade, e flerta no ano de 2021 um século, cem anos do “Patrono da Educação brasileira” uma caminhada itinerante de disseminação do saber.

Enfim, cabe salientar que o estudo sobre o movimento freiriano de “sefazer” entendimento não se estanca nessas páginas. Entende-se ser relevante uma continuidade de modo a abarcar novas pesquisas. Ficam interrogações e provocações sobre: a condição do educador perante o ato de ensinar e suas possíveis mazelas; o modo como o estado

psicológico durante a pandemia: pré-crise, intra-crise e pós-crise pandêmica, atinge o ato de ensinar; e também, como vai se dar a reconstrução social e educacional. Todos, agentes influenciadores no ato de ensinar. Será? Fica o anseio de que a presente pesquisa: “O ato de ensinar na contemporaneidade, na construção insurgente das didiscências: interrogações de nosso tempo” seja um singelo estopim fomentador do “esperançar” de uma educação pública, para todos, de qualidade, com um ato de ensinar libertário.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Conversas de quem gosta de ensinar**. Guarulhos: Cortez, 1980. Coleção Polêmicas do Tempo).

ANDRADE, Izabel Cristina Feijó de. **A inteireza do ser: uma perspectiva transdisciplinar na autoformação de educadores / Izabel Cristina Feijó de Andrade, Leda Lísia Franciosi Portal**. São José, SC: ICEP, 2014. 176p. : il., tabs.

BENTES, José Anchieta de Oliveira; LOBATO, Huber Kline Guedes. Alteridade e diálogo em Paulo Freire: (entrevista com reinaldo matias fleuri). **Periferia: Educação Cultura & Comunicação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 248-270, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/48449>. Acesso em: 6 set. 2020.

BOURDIEU, Pierre Félix; PASSERON, Jean Claude. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. Publicação original em francês: 1970.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 49. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007. 117 p. (Coleção Primeiros Passos). Reimpressão da primeira edição de 1981.

_____. **Paulo Freire o menino que lia o mundo: uma história de pessoas, de letras e de palavras**. São Paulo: UNESP, 2005.

DELORS, Jacques *et al.* **EDUCAÇÃO: um tesouro a descobrir**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1998. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000009.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2021.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1997. (Coleção Educação Contemporânea).

FRANCO, Maria Amélia Santoro; LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. Elementos para a formulação de diretrizes curriculares para cursos de pedagogia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 130, p. 63-97, jan./abr. 2007.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

_____. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 57. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GADOTTI, Moacir. **A escola dos meus sonhos.** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

_____. **A escola e o professor:** Paulo Freire e a paixão de ensinar. 1. ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

_____. **Boniteza de um sonho:** ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos:** Novos desafios e como chegar lá. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012. (Papirus Educação).

MORETTO, Vasco Pedro. **Planejando a educação para o desenvolvimento de competências.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MORIN, Edgar. **Os saberes necessários à educação do futuro.** 2. ed. rev. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho.

NÓVOA, Antônio. **Vidas de professores.** Porto: Porto Editora, 1997.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo: Paulus, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005. Tradução de João Batista Kreuch.

TIRIBA, Lea; **Educação Infantil como direito e alegria.** 1. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018. 308 p.